

O SITIANTE TRADICIONAL E A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO (1)

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

Georges Gurvitch, em seu constante desejo de abrir novas vias à pesquisa empírica e à reflexão sociológica, havia orientado um de seus últimos cursos para o estudo da percepção do espaço e da extensão, associando-a aos diferentes quadros de referência sociais em que se efetua (2). Da mesma forma que os indivíduos, as coletividades, os grupos e as sociedades globais funcionam como "centros dos estados mentais denominados percepções", assim, toda percepção, inclusive a dos espaços, *faz parte de nossa existência tanto coletiva quanto individual* e não poderá ser desta separada (3). Gurvitch distingue o "espaço" que é extensão não quantificada, da "extensão" em que o espaço se transforma pela quantificação; também distingue "espaços sociais" e "espaços do mundo exterior". Malgrado esta diferenciação, considera o espaço como *único*; a diversidade sob a qual se apresenta não é realidade plena, e sim resultado das várias perspectivas em que se efetuam diferentes tomadas de consciência. Estas não são ilusórias; constituem vias de aproximação em relação ao espaço real e único. Espaços sociais e espaços do mundo exterior permanecem também inseparavelmente ligados à percepção que deles se tem (4).

O grande interesse do curso do qual participamos, as discussões que se travaram com respeito às definições e aos problemas relativos à variedade das percepções coletivas, levaram-nos a estudar a percepção do sitiante tra-

(1) Artigo publicado em livro editado na França, como homenagem à memória de Georges Gurvitch, 1968.

(2) Curso dado em 1963-1964, Ecole Pratique des Hautes Etudes, VI.^a Secção, Universidade de Paris.

(3) Gurvitch, 1964, pp. 79-80.

(4) Gurvitch, 1964, p. 80.

dicional (5) com relação ao espaço geográfico e social dentro do qual vive. Qual a noção que dele se formula? Como constrói tal noção? Por que meios? Prestando homenagem a Georges Gurvitch, cuja influência sobre nosso conhecimento sociológico foi profunda e de quem recebemos preciosas mostras de amizade, quisemos percorrer com ele um dos últimos caminhos que abriu à pesquisa em nossa especialidade.

O Brasil agrário é conhecido principalmente como país de grandes monoculturas. Os pequenos lavradores, que vivem do produto da policultura de subsistência, são todavia numerosos. Enquanto as grandes monoculturas de exportação não cobriam senão quatro milhões de hectares em 1950, as pequenas culturas de subsistência se estendiam pelo menos por quatorze milhões de hectares, no país (6). As roças são encontradas em plena expansão principalmente em zonas ainda não invadidas nem pela grande monocultura de exportação, nem pela agricultura comercial, e também em zonas que se mantêm distantes da industrialização. É difícil conhecer a quantidade exata desses lavradores, mas é provável que representem mais da metade da mão-de-obra agrícola brasileira. Quer sejam proprietários, arrendatários ou parceiros, seu gênero de vida é mais ou menos idêntico e se organizam sempre de modo semelhante. Além disso, a passagem de proprietário a arrendatário ou a parceiro é freqüente e se efetua em geral mais de uma vez durante a vida do lavrador. Pode trabalhar como parceiro durante certo tempo nas terras de um vizinho e voltar a cultivar, um pouco mais tarde, a sua; deixada em descanso durante certo período, a terra recobra fertilidade e dá colheitas mais abundantes. O cansaço do solo, cultivado durante largo tempo sem nenhum cuidado; a existência ao lado de sua propriedade, de outra com terras ainda incultas, determinam muitas vezes tal comportamento. Nossa análise, neste artigo, voltar-se-á para esta população de sítiantes tradicionais (7), que apresenta caracteres específicos e que já vimos estudando de algum tempo a esta parte (8).

O sítiante brasileiro habita em suas terras. As casas de uma zona de sítios estão dispersas em torno de pequeno núcleo central, constituído por capela, vendinha, duas ou três habitações, que formam como que a "capital" de um grupo de vizinhança. Os grupos de vizinhança rurais são muito

(5) Adotamos a definição de Nice Lecocq Müller: «todo o pequeno produtor que, responsável pela lavoura, trabalha direta e pessoalmente a terra com a ajuda de sua família e, ocasionalmente, de alguns empregados remunerados» (1951, pp. 27-28).

(6) Estes dados são antigos, porém nem sempre é possível utilizar os do recenseamento de 1960, cujos erros de grande monta não permitiram a publicação integral. Embora ultrapassados, estes dados dão uma noção clara da grande importância numérica de tal categoria rural no país.

(7) O sítiante tradicional brasileiro cabe na categoria dos camponeses definida por Robert Redfield: está em relações de complementaridade com um aglomerado urbano ao qual vende o excedente de sua produção, mas produz primordialmente para sua subsistência (Redfield, 1959).

(8) Pereira de Queiroz, 1958; 1960; 1963 a e b; 1965; 1967.

homogêneos; a estratificação social é aí tênue, tanto mais que os lavradores trabalham a terra quase exclusivamente com o auxílio da família. Trata-se de uma forma de povoamento muito antiga, que remonta aos primeiros tempos da colonização portuguesa. A configuração do grupo de vizinhança e o gênero de suas relações sociais foram e são, por toda a parte, iguais no Brasil, nas zonas onde conseguiram se implantar e se manter, afastados das grandes monoculturas, cujo gênero de vida era diferente. Formam os bairros rurais, apelação que lhes é dada em S. Paulo, e que utilizaremos neste trabalho (9).

Os bairros rurais estão muitas vezes separados uns dos outros por grandes distâncias, todavia, quanto mais denso o povoamento da região, mais os bairros se multiplicam e mais as distâncias entre eles diminui. A distância tem grande importância na determinação dos limites de um bairro, pois é preciso que seus membros possam assistir regularmente às festas religiosas celebradas na capela; é preciso também que participem do mutirão, trabalho coletivo que cada lavrador em geral se vê compelido a utilizar. Os habitantes que estão mais próximos do núcleo central têm perfeita consciência de pertencerem ao grupo de vizinhança; os que habitam as fronteiras do mesmo não sabem mais ao certo a que grupo devem-se prender e hesitam entre dois bairros vizinhos. O crescimento demográfico multiplica a quantidade dos bairros. Os filhos, ao se casarem, deixam a casa paterna e constroem sua própria habitação um pouco mais longe, sempre nas terras familiares; desbravam o mato e fazem uma roça de subsistência. Formam assim nova célula doméstica e econômica. Se o bairro se torna demasiadamente extenso, um dos componentes pode tomar a decisão de construir nova capela, que se torna centro de convergência para os habitantes demasiadamente afastados da primeira; um novo bairro faz assim sua aparição. Os bairros se multiplicam sempre por cissiparidade.

Todavia, embora ocupando lugar geográfico que se pode determinar com certa precisão, o bairro não está nele implantado de modo imutável. Já no século XIX, os viajantes estrangeiros observavam com espanto a quantidade de capelas em ruínas, de casas abandonadas — taperas — que iam encontrando pelo caminho: seus habitantes haviam partido para se estabelecer em outro local. Tais viajantes concluíram que o bairro era uma unidade social móvel no espaço geográfico brasileiro. Efetivamente, os sítiantes não se implantam profundamente numa área, mesmo quando proprietários; partir não lhes é penoso. Mudam constantemente a localização da roça e da casa, e com a mesma facilidade partem de uma região para outra. Sua pobreza e a rusticidade de suas técnicas foram, muitas vezes, atribuídas a esta grande mobilidade (10).

(9) Para a definição de bairro rural, ver Nice Lecocq Müller, 1951; Antonio Cândido, 1964; Pereira de Queiroz, 1967.

(10) Ver, por exemplo, Alfred Marc, 1889, para os fins do séc. XIX.

Muito ao contrário do que se supunha, a técnica agrícola utilizada — agricultura de queimadas — exige a mudança constante; é ela uma das causas e não a consequência da mobilidade. O sitiante cultiva uma parcela de suas terras até a exaustão e, em seguida, recomeça um pouco mais longe o mesmo trabalho, no qual emprega instrumentos rudimentares (11); sua casa de pau-a-pique ou de sopapo, coberta de sapé, é fácil de construir e é abandonada sem saudade. A grande extensão do território nacional constitui, para este gênero de vida, a garantia única de se manter um nível econômico mais ou menos satisfatório, pois a abundância da colheita depende praticamente do grau de fertilidade do solo. Quando o povoamento de uma zona se torna muito denso, o bairro em geral se fixa, porém o nível de vida do sitiante paralelamente baixa: cultiva terras "cansadas" e o excedente de produção, que negociava nos povoados e vilas para equilibrar o orçamento, passa a lhe faltar. Seu nível de vida se deteriorará rapidamente, se não conseguir desenvolver uma atividade complementar — carvoeiro, oleiro, negociante — ou algum ofício que lhe traga desafogo (12). Mobilidade no espaço geográfico e possibilidade de adotar atividades complementares constituem, para o sitiante tradicional, condições essenciais para se manter num nível de vida suportável.

O bairro é um grupo de vizinhança aberto, acolhendo todas as famílias que se venham ali estabelecer; nenhum preconceito étnico ou outro impede a integração, que depende principalmente da participação às festas religiosas e do trabalho coletivo. Os inter-casamentos desde muito misturaram os traços étnicos, e os habitantes podem apresentar assim toda a sorte de graduações possíveis da cor da pele. O bairro é sempre uma reunião de famílias. A família conjugal é importante unidade econômica, porém é ainda menos sedentária do que o próprio bairro; muda de um lugar para outro com facilidade, as migrações regionais são, em geral, migrações familiares. O bairro é algumas vezes formado de famílias que não têm laços de parentesco entre si, que ali se fixaram ao acaso de suas peregrinações.

Várias famílias conjugais provenientes do mesmo tronco comum formam um grupo que se estende verticalmente através de gerações sucessivas, e horizontalmente englobando tias, tios, primos. A família do sitiante se apresenta como conjugal do ponto de vista econômico, porém se define como parentela, quando tomamos a perspectiva das relações sociais. A independência econômica e o afastamento no espaço geográfico não ameaçam a solidez dos laços de parentesco. Fortes, duráveis, estes laços são reconhecidos tanto do lado paterno, quanto do lado materno. Observa-se, porém, que os ascendentes não são conhecidos com precisão, seja em se tratando de gente com quem diretamente se teve contacto (os avós), sejam os que se conhece por

(11) Segundo o recenseamento de 1960, o Brasil contava 2.994.093 médias e pequenas explorações agrícolas, porém apenas 1.031.930 arados e um número infimo de tratores.

(12) Pereira de Queiroz e Garcia Fukui, 1968.

tradição oral. Para além dos tempos vividos pelos velhos do bairro, as noções se tornam ainda mais vagas e fluidas ("faz muito tempo", "é coisa muito velha") e o contorno do grupo de parentela se torna impreciso (13). O afastamento geográfico não pesa sobre as relações familiares; mesmo tornando-se indiretas ou quase, persistem. Os que partiram conservam os mesmos direitos, quer retornem, quer não e seus filhos poderão reclamar, mais tarde, o apoio que lhes deve a família da qual se afastaram seus pais. A parentela tem por dever a ajuda mútua; a reciprocidade é elemento fundamental destas relações. O casamento cria relações de aliança que possuem idêntico valor e que acarretam também obrigações recíprocas.

O compadrio segue o mesmo princípio. O padrinho está ligado ao pai e à mãe de seu afilhado, do mesmo modo que a este; além disso, uma ligação de parentesco se estabelece entre o padrinho e a madrinha de um mesmo afilhado, constituindo todo o conjunto um grupo de compadres (14). Existem também maneiras variadas de se estabelecer laços de compadrio além do batismo: compadres da fogueira ou de S. João, padrinhos da Semana Santa, constituem laços estabelecidos entre indivíduos que voluntariamente desejaram-se unir por meio deles. Num bairro composto de famílias sem outros laços senão os de vizinhança, o compadrio torna-se fator decisivo de integração social. Os recém-chegados não se sentem verdadeiramente membros do bairro senão a partir do momento em que são familiarmente chamados de "compadres". Assim, não é difícil ir viver noutra região; basta encontrar ali um bairro em que a família possa se integrar. As diversas formas de compadrio permitirão estabelecer laços duráveis com as famílias que já o compõem. Quando alguém decide regressar ao local de origem, ali encontra sempre um parente que tem a obrigação de o receber e ajudar. O perigo do isolamento torna-se assim praticamente inexistente para o sitiante tradicional. O bairro não se caracteriza por sua imobilidade geográfica, porém também não se define como uma reunião permanente dos mesmos grupos familiares. Sua composição interna se modifica, as famílias que o formam variam no decorrer dos anos e das gerações; apesar disso, constitui uma estrutura consistente e durável, que as enquadra.

Diferenças de fortuna existem no interior dos bairros, mas não se traduzem por uma estratificação social muito visível; o aparecimento desta é sinal de uma transformação profunda ou, mesmo, da destruição do bairro. No bairro tradicional (15), o sitiante proprietário e o não-proprietário se

(13) O casamento civil é o único válido entre nós. Todavia, o sitiante tradicional em geral desconhece as formalidades legais: casamento civil, registro de filhos, atestados de óbito. Não pode realizar as formalidades religiosas, a não ser que exista um padre pela redondeza, o que nem sempre se dá. É, pois, difícil estudar as gerações em sua continuidade, pois os documentos legais são inexistentes.

(14) Ver outras formas e funções de compadrio em Pereira de Queiroz, 1957; e relações intra-familiares em Garcia Fukul, 1969.

(15) Se falamos em «bairro tradicional» e «sitiante tradicional», é porque já tivemos ocasião de estudar formas mais recentes que são divergentes. Pereira de Queiroz, 1967.

situam no mesmo nível; seu gênero de vida é idêntico; as aspirações, as necessidades, o consumo são semelhantes. Ao penetrar na habitação de um sitiante tradicional, não se sabe nunca se se trata de um proprietário ou não, se é abastado ou não, tal a similaridade da maneira de viver. O inter-casamento entre proprietários e não-proprietários é comum; suas posições recíprocas se tornam mais próximas ainda por meio do compadrio. O bairro é assim um grupo social de tendência igualitária.

As únicas diferenças sociais que claramente se delineiam são devidas à variação do prestígio de que gozam os indivíduos. A riqueza pode aumentar o prestígio mas não é causa direta deste, que depende de qualidades pessoais positivamente sancionadas pela tradição: desinteresse, generosidade, respeito pelos outros, bondade, coragem, bom senso e, em último lugar, instrução. Quanto mais o indivíduo der provas destas qualidades, mais sua autoridade aumenta no bairro, mais sua voz é ouvida nas deliberações tomadas em comum, mais é procurado para conselheiro, mais é convidado para padrinho das crianças. Quando desaparece, aquele que possui qualidades análogas naturalmente lhe toma o lugar.

A existência do bairro é ritmada por momentos de reunião e de dispersão de seus membros, em função do trabalho agrícola e do lazer. O sitiante cultiva suas terras com a família; conhece, todavia, certas formas de trabalho coletivo, sendo a principal delas o mutirão (16). Quando se quer desempenhar rapidamente e a contento uma tarefa determinada, pede-se o auxílio dos vizinhos; desbravamento, sementeira, colheita podem assim constituir o pretexto para uma convocação que reúne a vizinhança. Quem convoca tem a obrigação moral de responder aos apelos que lhe forem em seguida lançados, sob pena de ser posto à margem pelo grupo. Deve também fornecer a alimentação durante as jornadas de trabalho; se é pobre, cada qual trará sua marmitta e o sitiante oferecerá apenas uma refeição simbólica — um café com bolinhos, por exemplo.

O mutirão toma em geral aspectos festivos. Os sitiantes chegam acompanhados pela família; os homens vão trabalhar na roça, as mulheres se encarregam da cozinha. A noite, reúnem-se todos para jantar e a festa começa: cantigas, danças, desafios etc. A função social do mutirão é patente: é um fator de reunião e, assim, reforça a coesão social. O mutirão dá também ao sitiante o sentimento das fronteiras geográficas do bairro e de suas divisões internas. Para responder ao apelo dos vizinhos, é obrigado a percorrer o bairro em todos os sentidos; se desinteligências existem entre os habitantes, sabe por quem será convidado e por quem não o será. Adquire assim a noção do conjunto do grupo de vizinhança e a noção de sua posição social nos diversos sub-grupos. O mutirão permite também um trabalho agrí-

(16) O trabalho rural coletivo recebe nomes diversos conforme as regiões; utilizamos o de «mutirão», que parece ser o mais difundido.

cola muito mais rápido, assim como o cultivo de uma extensão maior de terreno, porém sua realização depende da harmonia interna do grupo de vizinhança. Que uma disputa venha a explodir entre algumas famílias, e o mutirão fica ameaçado; se a fragmentação interna do bairro não é muito profunda, os sub-grupos podem ainda se reunir e procuram salvaguardar o antigo costume, havendo a separação clássica — quem é aliado ou parente de um sub-grupo não comparece ao mutirão do outro. Caso contrário, o mutirão desaparece e o nível de vida do sitiante sofre uma redução patente, já que as parcelas cultivadas se tornam muitos menores (17).

O mutirão desempenha também importante função no que diz respeito à integração do bairro na vida da região. Com efeito, o excedente da produção permite ao sitiante abastecer os povoados e vilas vizinhos, onde vende as sobras da colheita e adquire os objetos que não fabrica (18). Deve renunciar a tudo isto se as colheitas são pouco importantes. Estando seu consumo tradicionalmente determinado, poucos objetos despertam-lhe o desejo; os artesãos do grupo de vizinhança lhe fornecem a maior parte dos instrumentos e objetos de que necessita. Na vila, adquire cortes de fazenda para a mulher e a filha, roupas de brim barato para ele mesmo e o filho, bugigangas. Porém, que lhe falte o excedente de produção, e deve se abster destas compras, que passam a constituir "luxo", quando antes eram objetos de necessidade. E quando a pobreza é muita, andrajoso, não participa mais das festas e das reuniões do grupo, premido por um sentimento de vergonha de sua indumentária (19).

Todavia, se frequenta as feiras da região e nelas efetua suas modestas transações, manifesta também certo orgulho pela sua independência com relação à cidade ou à vila, experimenta certo sentimento de superioridade decorrente do fato de que os cidadãos dependem dele: onde comprariam feijão, milho, mandioca, rapadura, se deixasse de os produzir? Revolta-se quando sente que é tratado com pouco caso e procura então guardar distância. O fato de frequentar vilas e cidades dá ao sitiante tradicional o conhecimento de um gênero de vida diferente do seu, o gênero de vida cidadão. Aprende assim que o mundo é composto de uma parte que o toca de perto, formada por grupos de vizinhança semelhantes ao seu, compondo todo o conjunto do mundo rural; a outra parte, ao contrário, lhe é inteiramente estranha e forma o mundo cidadão.

(17) Ver, para a decadência do mutirão, Pereira de Queiroz e Garcia Fukui, 1968; Pereira de Queiroz, 1960, 1963 a e 1963 b.

(18) A industrialização está transformando rapidamente o consumo dos sítiantes tradicionais. Feiras e mercados estão atualmente inundados por objetos de matéria plástica, que apreciam muitíssimo. Todavia, estas despesas suplementares desequilibram muitas vezes completamente seu orçamento. Ver Antonio Cândido, 1964; Pereira de Queiroz, 1960.

(19) Lia Garcia Fukui pôde ver de perto esta decadência entre os sítiantes do Sertão de Juquitiba, a 70 kms. da capital de S. Paulo. Ver Pereira de Queiroz e Garcia Fukui, 1968.

As festas religiosas dão ao sitiante uma noção ainda mais vigorosa de que pertencem a um bairro. O catolicismo dos sítiantes tradicionais está centralizado pelo culto dos santos. Cada bairro, cada família, possui um padroeiro da sua devoção, que é necessário cultuar a fim de receber em troca a proteção indispensável. Todos os habitantes do bairro devem participar das festas, a capela é um verdadeiro centro de interesses. Além da festa do padroeiro do bairro, outrás se escalonam no decorrer do ano: festa de Reis, Semana Santa, festa de Santa Cruz, festas juninas, festa do Divino. Organizam-se entre os bairros de maneira a permitir também a participação dos moradores de bairros vizinhos. Assim, se dois bairros têm Sant'Ana por padroeira, um a festejará no dia 20 de julho, o outro no dia 27. A festa reúne, pois, uma quantidade de famílias maior do que a que forma um grupo de vizinhança.

As cerimônias são organizadas por um festeiro, que é como que o "dono" da festa, sorteado cada ano entre os chefes de família; em princípio, é ele quem paga as despesas. Como esta ultrapassa sempre os recursos de qualquer sitiante, todos os anos a contribuição de todos é recolhida por pequenos grupos específicos, dos quais o mais conhecido é a Folia do Divino. Tais grupos se compõem de músicos (dois ou três) e de um indivíduo que carrega a bandeira do santo; percorrem os arredores cantando e tocando, sendo hospedados nos sítios onde comparecem. O caminho percorrido retrança os contornos do bairro. Com suas oferendas, as famílias marcam a integração a ele: uma galinha, um leitãozinho, espigas de milho, um saco de farinha de mandioca, de que se privam em favor da festa coletiva. Nada ofertar significa querer ficar à margem do grupo; a participação econômica, muito mais do que a presença à festa, marca o fato de se pertencer ao bairro (20).

A festa pode durar de dois dias a uma semana; os participantes executam em comum certas tarefas (construção de ranchos, abate de animais, para as refeições, corte de árvores para lenha), assim como ritos religiosos (procissões, novenas, ladainhas). Na última noite procede-se ao leilão de prendas, rifando-se tudo quanto foi ofertado para esse fim; o produto do leilão serve para compensar o festeiro de suas despesas. Nas festas há também desafios e danças populares. É raro que sejam tais comemorações dirigidas por um padre; os padres foram sempre pouco numerosos no Brasil e os habitantes do meio rural se acostumaram a não contar com eles. O festeiro pode convidar um para participar da festa, porém como convidado. Assim, o bairro que é uma entidade independente do ponto de vista econômico, o é também do ponto de vista religioso. O padre sendo em geral um habitante da cidade, o paralelismo entre esta e o bairro rural novamente se afirma; o padre é um visitante cidadão que não se integra no grupo de

(20) O protestantismo começa a se infiltrar no meio rural brasileiro, porém as famílias protestantes de um bairro também dão «esmolas» à Folia e participam das festas católicas, condição indispensável para se manterem integradas ao bairro a que pertencem.

vizinhança. As grandes festas religiosas são, por outro lado, o momento em que o bairro rural se abre para o exterior: gente de fora, quer sejam sitiantes de outros bairros, quer sejam cidadãos como o padre, delas participam. Assim, os sitiantes tomam de novo consciência de que pertencem a um mundo que ultrapassa seu grupo de vizinhança e que é formado de um lado pelo conjunto de grupos de sitiantes existentes na região, e de outro lado pelo povoado ou pela cidade.

Cada família também comemora seu santo padroeiro organizando novenas em sua honra; a imagem está entronizada no oratório doméstico, enfeitado de flores de papel e de estrelas prateadas. É a ela que se pede auxílio e proteção na vida cotidiana. Os vizinhos são convidados a participar da novena dirigida por um rezador (21); terminada a reza, toma-se café com bolinhos. Do mesmo modo que o mutirão, as novenas familiares são delimitadas, em seus participantes, pelas divisões internas do grupo de vizinhança: não são convidados aqueles com quem se está brigado. Durante a novena, reúnem-se a parentela, os afins, os amigos.

Na vida dos sitiantes tradicionais, a religião não age apenas como fator de concentração, porém também como fator de dispersão, pois as romarias aos lugares considerados santificados são organizadas no decorrer do ano. Os sitiantes partem em grupos de famílias; os que ficam, tomam conta da criação dos que partem, e a ajuda mútua facilita como sempre a mobilidade. Os centros de peregrinação tendem a se tornar pequenas capitais regionais do mundo rural tradicional. Frequentando-os, o sitiante toma consciência da amplitude de seu universo, pois encontra aí outros sitiantes semelhantes a ele, provenientes de regiões até muito distantes.

A idéia que o sitiante forma a respeito dos santos é também de tipo familiar; o santo não é um ser longínquo, impessoal, invisível; sob a forma da imagem, habita o oratório ou a capela. A imagem não é um símbolo, ela é o próprio santo (22); o santo pertence ao mundo natural pela representação que está no altar e ao mundo sobrenatural por sua essência. Como participa do mundo natural, é possível agir sobre ele por intermédio da imagem; ladainhas são cantadas para agradá-lo ou para conseguir graças, ou para agradecer os dons recebidos; quando não atende aos pedidos dos fiéis, é escondido atrás da porta, é colocado de cabeça para baixo, é castigado enfim. A relação padrinho-afilhado exprime de maneira justa a ligação entre o santo e seu devoto. Assim como o afilhado deve regularmente visitar o padrinho e pedir-lhe a bênção, o devoto deve honrar seu padrinho celeste ofer-

(21) O rezador é um personagem que conhece orações e ladainhas; dirige as procissões, as novenas e as práticas religiosas em geral. Toma o lugar do padre, quase sempre ausente do meio rural tradicional, no Brasil.

(22) Assim se explica a recusa geral em trocar as imagens ingenuamente feias, grosseiras, toscas, por outras novas e vistosas fabricadas na cidade: a nova imagem terá as mesmas virtudes da antiga? Não é certo, já que não se trata mais da mesma. Pois dois irmãos gêmeos não são muitas vezes tão diferentes?

tando-lhe regularmente velas e novenas pelo menos; espera, em contrapartida, o auxílio dele nos momentos difíceis, do mesmo modo que o afilhado conta com seu padrinho. A reciprocidade domina as relações entre o santo e seus fiéis.

Acredita-se que os santos intervenham na vida quotidiana; estão sempre presentes, prontos a auxiliar ou a impedir as atividades dos fiéis. Cada santo tem suas peculiaridades; alguns são mais caprichosos do que outros, porém todos manifestam mudanças de humor imprevisíveis. O sitiante tradicional espera também deles a proteção após a morte: o santo padroeiro deve olhar pela família dos seus devotos, arranjando-se um bom lugar no paraíso, próximo ao que ocupa. O paraíso é composto de grupos de famílias reunidas em torno de seu patrono específico e localizadas próximas ao padroeiro do bairro. Chegando ao céu, o sitiante encontra-se num ambiente que lhe é conhecido, no meio de parentes e vizinhos; nenhuma surpresa, trata-se de uma mudança que se assemelha à migração para outro grupo de vizinhança. As almas dos mortos, embora integradas no mundo sobrenatural, regressam de bom grado para fazer visitas à família, aparecendo em sonho a parentes e amigos. Também auxiliam a parentela, e esta lhes deve, em troca, ritos funerários, — as danças de S. Gonçalo, por exemplo, ou as "penitências" que lhes facilitarão a passagem pelo purgatório (23).

As relações que se estabelecem entre o mundo natural e o sobrenatural são, pois, do mesmo tipo que as relações familiares e de vizinhança. Seu princípio fundamental é o mesmo que domina as relações sociais tradicionais: *de ut des*, em que a noção de reciprocidade é predominante. Os mesmos comportamentos emocionais estão também presentes nos dois tipos de relações: o sitiante tradicional, ligando-se a um padroeiro, tem para com este a mesma afeição, a mesma ternura, a mesma zanga, a mesma brabeza que manifesta nas relações familiares. Pode-se dizer que a parentela do sitiante tradicional se divide em duas partes, uma situada no mundo profano e a outra no mundo sobrenatural, esta composta pelos mortos da família agrupados em torno do padroeiro.

A separação entre natural e sobrenatural é assim inteiramente fluida, o sobrenatural constituindo uma extensão do mundo profano. O mundo natural se compõe de múltiplos bairros, e com eles o sitiante não entra em contacto senão em circunstâncias bem determinadas; o mundo sobrenatural tem também seus bairros, com os quais o sitiante pode estabelecer relações mediante certos ritos e certos comportamentos. Num país em que as distâncias geográficas afastam desmedidamente os habitantes, a distinção entre natural e sobrenatural perde toda a importância; torna-se tão vaga quanto a extensão geográfica em que se dispersam as famílias e os bairros. Por outro lado, a interpenetração entre sagrado e profano forma a própria essên-

(23) Pereira de Queiroz, 1958, 1961.

cia da ordem natural: toda planta é ao mesmo tempo inofensiva e mágica; todo gesto é ao mesmo tempo bom e mau. Os limites entre pecado e virtude são precários e é possível atingir a extrema santidade pelo caminho dos piores vícios (24). A ordem natural das coisas compõe-se de um pouco de tudo; vai do melhor ao pior, do sagrado ao profano, sem linha de demarcação; tudo está reunido num só e mesmo sistema, que não pode deixar então de ser ambíguo e ambivalente.

Os indivíduos, porém, não conhecem senão parcialmente este universo multiforme. Nunca se sabe tudo; elementos desconhecidos e imponderáveis interferem na mais banal das atividades e a podem transtornar completamente. A doença interrompe bruscamente o curso da vida; a seca sobrevem quando tudo fazia prever a chuva, e assim por diante. Algumas pessoas possuem todavia o dom de penetrar mais longe no segredo das coisas e podem revelar os erros cometidos pelo vulgo ao lidar com elas: curandeiros, feiticeiros, taumaturgos. Seu saber é sempre mais amplo e profundo do que o do comum dos mortais, e de novo trazem a ordem ao mundo conturbado. Porém, como podem ser benéficos, também podem ser nocivos, ambigüidade que corresponde a dos próprios santos e é peculiar à ordem do mundo: pois até o padrinho celeste não se volta às vezes contra seu devoto? (25) Os conhecimentos de curandeiros, de feiticeiros, de taumaturgos também têm limites, eles podem se enganar como qualquer um.

O sitiante tradicional está convencido de que a ignorância é causa de toda ação nociva, de todo pecado, — de todas as atividades que desencadeiam poderosas forças contrárias, ou que despertam a ira dos padroeiros celestes. Tradição, experiência, saber permitem agir com maior segurança, embora o risco subsista sempre. Se o sitiante sofre reveses, é porque conhece mal o vasto mundo difuso que o cerca. Todavia, não manifesta diante dele nem medo, nem angústia: imensidade e indefinição fazem parte da ordem natural das coisas. Curioso diante de tudo quanto ignora, gosta de ouvir falar de novidades e está pronto a dividir seu próprio saber com os outros, sob a forma de anedotas, de historietas, de ditados, de provérbios. Pergunta, refilete em voz alta, especula ingenuamente, procura ir mais fundo na compreensão do mistério universal, que acredita ser regido por uma lei de participação recíproca: tudo está interligado, tudo alcança uma explicação natural e sobrenatural, porém sempre relativa.

(24) «Enviados divinos» e «santos» que percorrem às vezes o meio rural podem viver cercados de concubinas e manifestar perversões, sem que isto afete seus poderes sobrenaturais. Ao contrário, o comportamento excepcional é prova de suas qualidades extraordinárias, já que se entregam sem risco a atividades que são proibidas aos mortais, sob pena de terríveis castigos. Pereira de Queiroz, 1957 e 1965 a).

(25) Conta-se que um devoto de S. Jorge, vindo de longe uma onça, interpela o santo padroeiro: «Meu S. Jorge, a onça vem p'rá riba de mim. Si mecê é por mim, que eu mate eia de um górze. Si mecê é contra mim, que eia me máte sem dó. Mas si mecê não se metê, fique de fora que mecê val vé a briga mais linda entre bicho e home que mecê pode imaginá!»

"Quem pode afirmar qualquer coisa"? Esta pergunta está sempre na mente do sitiante tradicional. Nenhuma explicação lhe parece definitiva, já que por toda a parte existe o desconhecido e que o saber humano é limitado. Está cercado pelo desconhecido: o desconhecido da extensão geográfica, encerrando o mistério dos países longínquos, das nações estrangeiras e diferentes; o desconhecido da extensão social, que contém aspectos heterogêneos, como o da vida nas cidades; o desconhecido do outro mundo, onde lado a lado se reúnem a realidade quotidiana do padrinho celeste, sempre presente em seu altar, e a existência invisível do paraíso. Vive assim à beira do desconhecido e na iminência da partida, seja para outras regiões em que a vida talvez se torne mais agradável, seja para o Reino Celeste — pois o apelo divino pode vir a qualquer momento. O desconhecido faz parte do sistema em que vive o sitiante tradicional, o desconhecido é normal; para ele, que não é torturado pelo mistério das coisas nem pelo terror do sagrado, mistério e sagrado pertencem ao mesmo mundo da realidade quotidiana.

A análise que acabamos de fazer mostra que, por meio da parentela e do grupo de vizinhança, o sitiante tradicional forma a idéia da sociedade e do mundo em que vive. Sua existência permanece ligada a estas duas realidades primordiais, em que está inserida a família conjugal, fonte de seus rendimentos econômicos, e que lhe servem de cenários complementares. Assim, a percepção que tem do espaço não parece ultrapassar seu ambiente direto, e seria assim definida como "egocêntrica", um dos diversos tipos de percepção definidos por Georges Gurvitch. A noção geográfica e social do bairro se forma a partir do conhecimento da localização da capela, ponto central do grupo de vizinhança, e dos lugares habitados pelas famílias que compõem o grupo. Relações familiares, relações de trabalho, relações religiosas constituem as coordenadas que orientam a percepção do sitiante, que parece ser então também "concêntrica", pois gira em torno de um pequeno núcleo central.

Todavia, se à primeira vista estas são as qualidades da percepção do nosso sitiante tradicional, não é menos verdade que as relações com o grupo de parentes disperso no espaço favorecem também uma percepção mais vasta, — a da região, do país, da sociedade rural, de que o bairro é parte integrante. Alguns membros da família partiram para zonas longínquas, para outros estados, para as cidades; todas estas localizações diversas formam um conjunto que é "o mundo", cujos contornos porém permanecem sempre vagos. Não se sabe nunca muito bem até onde se estende o grupo de vizinhança nem quanto pode ele aumentar, já que acolhe constantemente famílias vindas de fora. A parentela estando disseminada sobre um território vasto, não se sabe que configuração toma exatamente, tanto mais que os laços de compadrio lhe permitem estender-se indefinidamente. Não se sabe também quais são os limites entre natural e sobrenatural, que coexistem sem descontinuidade. O espaço tende, pois, a parecer "difuso", sem contornos precisos.

A abertura do bairro a todos que nele quiserem se instalar; a multiplicação indefinida dos bairros a partir de uma célula mãe; a imprecisão dos limites que deixa as famílias periféricas na indecisão quanto à sua integração neste ou naquele bairro, constituem o contrário da configuração precisa e fechada de um grupo social egocêntrico, voltado sobre si mesmo, limitado em seus contornos. O fato da parentela se espalhar no espaço geográfico impede o desenvolvimento de uma noção puramente concêntrica, a partir do núcleo familiar; a família conjugal, geograficamente localizada, não é senão um elo da cadeia dos parentes, e sua importância é sobretudo econômica; ao nível das relações sociais, a parentela vem em primeiro lugar, uma parentela definida pelos laços de sangue, pelos laços de aliança, pelos laços de compadrio, cujos limites permanecem tão imprecisos quanto imprecisa é a extensão geográfica. Por outro lado, o bairro não é percebido como único. Festas religiosas e romarias colocam os sítiantes em contacto com outros grupos semelhantes aos dele, que reconhecem não apenas como homogêneos, mas também como iguais. Se deixar seu bairro, o sítiante sabe que encontrará outro em que poderá se integrar. O espaço tende, por outro lado, a ser percebido como difuso e descentralizado, e não apenas como egocêntrico e concêntrico, como parecia à primeira vista.

Constata-se habitualmente entre nós que toda distância geográfica parece curta ao sítiante. É conhecida a anedota do cidadão que pergunta ao sítiante a que distância mora o vizinho: "— Ali pertinho", responde o interrogado, utilizando a mímica tradicional: distendendo o lábio inferior tanto quanto possível na direção que quer indicar. O cidadão põe-se a caminho, sobe e desce colinas, encontra outro sítiante, faz a mesma pergunta, recebe a mesma resposta com a mesma mímica. Depois de uma hora de caminhada, chega, extenuado, à casa do vizinho... "ali" pertinho, distante algumas "léguas de beijo". As léguas não têm medida fixa no meio rural brasileiro, variam conforme as regiões, conforme as localidades, conforme as pessoas... Toda distância geográfica parece pequena ao sítiante tradicional porque é avaliada segundo as relações sociais estreitas de parentesco e vizinhança; dir-se-ia que vê o mundo em miniatura. Os laços de parentela e de vizinhança lhe permitem viver numa extensão vasta, sem ser aniquilado por ela; tais laços anulam a tendência à amonia que resultaria de um povoamento rarefeito como o nosso, disseminado sobre um território muito extenso.

Além disso, se o sítiante não conhece a distância geográfica a não ser de modo imperfeito, não tem também noção muito exata da distância social, principalmente da que existe numa sociedade de classes. Vive num grupo social igualitário e sente-se levado a considerar todos os indivíduos como pertencendo ao mesmo nível social que é o seu. A consciência que tem da própria dignidade, de seu valor pessoal é muito viva. Em sua visão, a sociedade perde a dimensão vertical dada pela superposição das classes sociais; não conserva senão um nível, é "achatado". O que não o impede de ter consciência nítida da diferença que existe entre ele e o cidadão; mas trata-se

então de duas sociedades diversas, paralelas, que se interpenetram e são complementares. Não as concebe como superpostas (26).

A parentela e o grupo de vizinhança, em sua imprecisão e fluidez, servem de quadros de referência a partir dos quais o sitiante percebe a extensão do mundo que o cerca, porém a própria qualidade das relações internas peculiares a esses dois grupos sociais — relações que aproximam os indivíduos em lugar de separá-los, relações estreitas, diretas, pessoais, afetivas — fornecem também a definição dos espaços e das distâncias. Pois não é ínfimo o valor de dia de caminhada, quando se trata de visitar parentes que os laços familiares tornam muito próximos?

Chegamos assim à constatação de que o espaço percebido pelo sitiante tradicional é certamente ambíguo. Em primeiro lugar, é pouco diferenciado. Espaços geográficos, sociais, sobrenaturais formam um todo inseparável e as mesmas técnicas de abordagem — consubstanciadas pelas relações pessoais e afetivas — são empregadas para dominá-los. Devido a isso, o espaço parece ao mesmo tempo difuso e restrito, concêntrico e descentralizado. Esta ambigüidade é causada pela oposição entre os caracteres dos espaços, que na verdade são vastos e difusos, e os instrumentos de que dispõe o sitiante para percebê-los e captá-los, isto é, as relações de vizinhança e de parentesco. Assim sendo, a noção de espaço do sitiante só pode nos parecer ambígua, contraditórias, afastada do real, pois vivemos num outro universo dominado pela especialização e pela quantificação. Uma vez que a técnica utilizada pelos sítiantes tradicionais para a percepção do espaço não é adequada para dar uma noção próxima do real, é possível dizer que os sítiantes tradicionais vivem num mundo ilusório e factício, criado pela disparidade entre os instrumentos de percepção de que dispõem e a realidade? Certamente não, pois sua percepção do espaço lhes é útil de um ponto de vista operacional; guiados por ela, agem satisfatoriamente para chegar a seus fins; a noção de espaço de que dispõem não os ilude nem decepciona, não os desorienta.

Os cidadãos não estão longe de pensar que o Brasil é perseguido pela "maldição do espaço": tudo é grande demais neste país e as medidas racionais para dominar completamente tão vasta extensão se revelam em geral impraticáveis porque demasiado dispendiosas; forma-se assim um sentimento de impotência e de desânimo diante de empreendimentos que parecem impossíveis. Ora, o sitiante tradicional não fica nem desanimado, nem perdido, nem angustiado diante da extensão contraditória que consegue captar, e desenvolve mesmo um sentimento de otimismo. Não vê o espaço como ameaçador; ele encerra, ao contrário, a esperança de melhoria de vida, de aumento de bem-estar. A vasta extensão geográfica, a parentela dispersa e difusa são indispensáveis ao gênero de vida, ao equilíbrio econômico do sitiante tradicional. A primeira encerra as novas terras que vão se substituindo às já

(26) Pereira de Queiroz, 1965 b.

cultivadas e cuja fertilidade lhe permite viver segundo um nível econômico ótimo definido pela tradição. A segunda garante-lhe que não será nunca um indivíduo abandonado.

É, pois, quando o espaço começa a lhe faltar que a visão otimista do mundo do sitiante tradicional tende a se desfazer. Com efeito, em várias regiões do Brasil, a multiplicação das grandes monoculturas e da criação extensiva desaloja os antigos ocupantes; a terra de melhor qualidade passa a ser ocupada pelas grandes plantações, e o pequeno lavrador que consegue permanecer na região, conservando sua roça, sofre prejuízos que acarretam a decadência. Não pode mais viver segundo as relações ecológicas tradicionais; deve, custe o que custar, cultivar sempre a mesma terra, cuja fertilidade vai decrescendo; não conhece fertilizantes e não teria também meios para utilizá-los. Chega o momento em que, forçado a abandonar seu gênero de vida, torna-se um assalariado agrícola nas grandes plantações vizinhas, ou emigra para as cidades, onde vai trabalhar como mão-de-obra: em qualquer dos casos, não pertence mais à antiga sociedade de sítiantes independentes, mas se integra no grau mais baixo de uma sociedade de classes de tipo urbano. Nas zonas invadidas pelas grandes monoculturas ou pela indústria, o otimismo do sitiante se desfaz; cercado de todos os lados pelos grandes proprietários ou pela vida citadina, pode ser levado a verdadeiros atos de desespero (27).

O êxodo dos sítiantes para as cidades, que se acelerou extraordinariamente no decorrer dos últimos anos, ao mesmo tempo que a grande propriedade devorava mais e mais regiões ainda inexploradas do país, constitui talvez uma tentativa para reencontrar, em plano diferente, a imensidade perdida dos espaços tradicionais. A cidade grande, com inúmeros empregos, parece oferecer ao sitiante um sucedâneo do antigo espaço vasto, difuso, inesgotável; pode-se ali achar formas as mais diversas de ganhar a vida, enquanto no meio rural as possibilidades de trabalho são limitadas. Na cidade, o sitiante tradicional não pode mais mudar de "habitat", porém pode mudar de emprego e procurar obstinadamente encontrar um que o satisfaça. As pesquisas sobre a adaptação dos habitantes do meio rural às metrópoles brasileiras mostraram a existência de um "turn over" extraordinário; a mudança de emprego é freqüente e habitual (28). Não se tratará de uma transposição, ao espaço urbano, da maneira de compreender o espaço rural?

Por imperfeitas que sejam as noções do sitiante tradicional em matéria de distância e de espaço, tanto no plano geográfico quanto no plano social, não deixam de ser eficazes do ponto de vista operacional. A noção de espaço do sitiante corresponde ao que espera; sua interpretação é válida dentro do contexto social a que pertence. Quando o espaço rural se modifica, quando

(27) Carlo Castaldi e outros, 1957.

(28) Bradão Lopes, 1957; Cardoso, 1960 e 1961.

se estreita, fragmentado em espaços muito pequenos pela introdução da grande propriedade na região em que habita, o sitiante passa a se sentir desorientado, perdido; e isso porque a extensão que conhecia se transformou. A comparação do espaço percebido pelo sitiante com o espaço que nós percebemos, mostra bem a existência de uma variabilidade de percepções. Ora se percebem espaços diversos porém integrados uns nos outros, de tal maneira que podem ser dominados por um só instrumento, pois com um só instrumento o sitiante tradicional domina os espaços geográfico, social e sobrenatural; percebem espaços diferenciados, separados, exigindo cada qual um instrumento particular para ser captado — é o que acontece com nossa noção de espaços especializados. A variabilidade das noções de espaço está, pois, em correlação com diferentes tipos de sociedade, como afirmara Georges Gurvitch.

Dissera também este autor que os espaços são sempre inseparáveis da percepção que os capta; compreendia-os, então, como extremamente variáveis, já que são diversas as perspectivas que permitem tomadas de consciência. Todavia, insistiu também sobre o caráter único dos espaços. Ora, a análise que acabamos de fazer demonstrou a existência de três espaços diversos, embora misturados e confundidos no universo do sitiante tradicional: o espaço geográfico, o espaço social, o espaço sobrenatural. Num outro tipo de sociedade, podem-se separar e se tornar inteiramente distintos. Assim, tais espaços formam um conjunto pouco distinto, que se dissociará talvez um dia em parcelas diversas, como se verifica quando se opera a transformação do espaço indiviso que conhece o sitiante tradicional, em espaço dividido; e tal se dá seja pela introdução da grande propriedade no espaço geográfico, seja pela introdução da grande cidade no espaço social. O espaço é, pois, variável em sua maneira de ser; sua diversidade não decorre apenas da diversidade de meios de percebê-lo e captá-lo; decorre também de caracteres que lhe são próprios, o que leva a concluir que o espaço se modifica à medida que é trabalhado e construído pelo homem. Portanto, a ambigüidade que se pode atribuir à imperfeição dos instrumentos de captação, como havíamos feito de início, pode ter raízes mais profundas, resultando talvez também do fato do espaço ser transformável e, em suas modificações, tomar aspectos ambíguos e contraditórios. Ao contrário do que mostrara Georges Gurvitch, parece-nos que a qualidade do espaço é variável, que este não é forçosamente único.

Mas todas estas divergências entre nossa maneira de pensar e a do mestre que pela primeira vez tentou uma sociologia da percepção do espaço, não são senão consequência da falta de estudo destes problemas, e não invalidam tudo quanto apontou. A utilidade das noções que nos transmitiu é patente, permitindo abordar a mentalidade do sitiante tradicional por uma perspectiva ainda não focalizada. Dizia Georges Gurvitch que, ao estudar a percepção do espaço de ângulo sociológico, não desejava senão mostrar a existência de "um vasto domínio ainda não desbravado, em que as pesqui-

sas empíricas se impõem". (29). A análise que aqui apresentamos demonstra a complexidade e o grande interesse da nova abordagem que sua inteligência, tão extraordinariamente dotada para as descobertas, indicou aos pesquisadores.

B I B L I O G R A F I A

- BRANDÃO LOPES, Juarez R. — A fixação do operário de origem rural na indústria». *Educação e Ciências Sociais*, ano II, vol. 2, n.º 6, Rio de Janeiro, novembro de 1957.
- CANDIDO, Antonio — *Os Parceiros do Rio Bonito*. Livraria Martins Editora, S. Paulo, 1964.
- CARDOSO, Fernando Henrique — «Proletariado e Mudança Social em S. Paulo». *Sociologia*, vol. XXII, n.º 1, S. Paulo, março 1960.
- CARDOSO, Fernando Henrique — «Le prolétariat brésilien: situation et comportement». *Sociologie du Travail*, 3.º année, n.º 4, Paris, outubro-dezembro 1961.
- CASTALDI, Carlo e outros — *Estudos de Sociologia e História*. Ed. Anambi, S. Paulo, 1957.
- GARCIA FUKUI, Lia Freitas — «Les relations mère-enfants parmi les paysans de statut socio-économique indépendant au Brésil». *Carnets de L'enfance*, Fonds des Nations Unies pour l'Enfance, n.º 10, Paris, junho-julho 1969.
- GURVITCH, Georges — «Les variations des perceptions collectives des étendues». *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. XXXVII, Paris, 1964.
- GURVITCH, Georges — *La Sociologie de la Perception des Étendues*. Curso ministrado na École Pratique des Hautes Études, VI.º Section, Paris, 1963-1964.
- MARC, Alfred — *Le Brésil*. 2 vols., Paris, 1889.
- MULLER, Nice Lecocq — *Sítios e Sítiantes no Estado de São Paulo*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, U.S.P., 1951.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — *La Guerre Sainte au Brésil: Le Mouvement messianique du Contestado*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de S. Paulo, 1957.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — *Sociologia e Folclore: A Dança de S. Gonçalo num Povoado Bahiano*. Livraria Progresso Ed., Bahia, 1958.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — «Désorganisation des petites communes brésiliennes». *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. XXVIII, Paris, 1960.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — «Os penitentes». *Suplemento Literário, «O Estado de S. Paulo»*, 29-9-1961.

(29) Georges Gurvitch, 1964, p. 106.

- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — «Uma categoria rural esquecida». *Revista Brasiliense*, S. Paulo, março 1963 a.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — «Mouvements messianiques et développement économique au Brésil». *Archives de Sociologie des Religions*, n. 16, Paris, 1963 b.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. Dominus Ed., S. Paulo, 1965 a.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — «Les classes sociales dans le Brésil actuel». *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. XXXIX, Paris, 1965 b.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — «Bairros Rurais Paulistas». *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. XVII, S. Paulo, 1967.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — «Le paysan brésilien traditionnel et la perception des étendues». *Perspectives de la Sociologie Contemporaine* (Hommage à Georges Gurvitch). Presses Universitaires de France, Paris, 1968.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura e GARCIA FUKUI, Lia Freitas — «O sitlante brasileiro e as transformações de sua situação sócio-econômica». *Cadernos, Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, n.º 1, ano 1, S. Paulo, 1968.
- REDFIELD, Robert — *The Primitive World and its Transformations*. Cornell University Press, U.S.A., 1953.